

La escultura de Maria Martins: una reflexión sobre el femenino

Rebecca Corrêa Silva y Ursula Rosa da Silva

UFPEL

A pesquisa sobre Maria Martins surgiu em outubro de 2007, a partir de estudos iniciados para um dos subprojetos de um projeto maior intitulado *Caixa de Pandora: Mulheres Artistas e Mulheres Filósofas no século XX*, neste sentido, pretende delinear a importância de Maria Martins para a história da Arte, revelando suas obras que tratam de temáticas do feminino.

O interesse por pesquisar Maria Martins adveio do fato de ela ter sido escultora, Arte até então mais comum entre homens. Como brasileira, e como mulher, manteve uma relação mágica e passional entre sua vida pessoal e sua produção escultórica. Sua obra é marcada por uma temática autobiográfica, intimista, existencialista, e nacionalista, onde a artista mostra a natureza tropical e sensual do Brasil. Sua linguagem biomórfica e surrealista apresenta-se através de sua técnica apurada no bronze.

A pesquisa possibilitou demonstrar a importância de Maria Martins para a história da Arte, revelando sua produção artística na década de 40 nos Estados Unidos.

O problema central foi investigar a produção artística de Maria Martins, e a sua consequente contribuição para a história da Arte, analisando suas obras e explicitando quais os fatores da sua vida pessoal acabaram interferindo na sua produção, e quais foram suas referências.

Este estudo visou identificar as esculturas de Maria Martins, na sua temática e na técnica; analisar porque sua obra foi importante dentro do seu contexto, verificando sua contribuição para as Artes Plásticas, e ao mesmo tempo compreender porque razões atualmente ela vem sendo reconhecida e pesquisada.

Devido a esta pesquisa ser sobre a vida e a produção escultórica de Maria Martins, a metodologia utilizada foi do tipo qualitativa, e se desenvolverá a partir da análise e a interpretação da obra de Maria Martins por meio de levantamento bibliográfico e fundamentação teórica. Ao mesmo tempo, a pesquisa assume um caráter histórico, pois buscou soluções a partir de referenciais teóricos publicados.

Dentre os autores utilizados para compor o estudo estão trabalhos recentes, tal como a biografia de Maria Martins, escrita pela jornalista Ana Arruda Callado (2004). O livro trás informações quase que somente sobre a vida pessoal de Maria, ressaltando o período histórico e político do Brasil, a autora, que é jornalista, fala pouco sobre sua produção artística em si. Outro material utilizado para compreender a produção da artista pesquisada, por meio de um enfoque mais acadêmico veio através de três

dissertações de mestrado elaboradas em universidades de São Paulo. A primeira a ser encontrada foi uma dissertação feita na USP, no ano de 2006, pelo pesquisador Roberto Mitsuaki Kumagai, “Maria Martins: uma trajetória artística”. Neste trabalho, o autor é Mestre em Arte e analisa as obras de Maria, com mais ênfase em sua técnica artística. Descreve como foi a sua trajetória artística neste determinado contexto histórico-social, uma história também contada através da pesquisa com entrevistas e reportagens de jornais de época a respeito das exposições Maria Martins. Há outra dissertação defendida na USP, em abril de 2008, pela pesquisadora e artista plástica Maria Silvia Eisele Farina, de nome artístico Sil Farina, com o título: “Identidade e a arte em Maria Martins”, com grande enfoque nas obras de Maria Martins. Foi encontrado também a feita para o mestrado em Artes Visuais na UNESP, em 2006, pelo pesquisador Manoel José Canada: “Maria Martins – um imaginário esquecido”. A partir desses dois últimos trabalhos foi possível obter mais imagens e dados técnicos sobre as obras, que os pesquisadores digitalizaram de catálogos para suas pesquisas. Existe ainda uma tese de doutorado defendida pela brasileira Maria da Graça Costa Ramos na Universidade de Barcelona, no ano de 1998, intitulada “Maria Martins: Vida e Obra”. Mas não foi possível ainda ter acesso ao trabalho. Há também trabalhos acadêmicos elaborados por pesquisadores do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Além da biografia sobre Maria Martins, foi encontrado na internet o livro infanto-juvenil: “Maria Martins: o mistério das formas”, de 1997, escrito pela artista e jornalista Kátia Canton, que cria um texto poético para falar das obras de Maria Martins.

Aprofundando a temática sobre escultura moderna e o surrealismo, foram pesquisados autores como: Giulio Carlo Argan, William Tucker, Rudolf Wittkower, Walter Zanini, Herbet Head, Dawn Ades e Franco Fortini. Nestes livros Maria não é nem ao menos citada, mas foi possível compreender mais claramente sobre a escultura moderna e o surrealismo. Foram encontrados alguns textos sobre Maria escritos pelos brasileiros Tadeu Chiarelli, e Teixeira Coelho, e em um livro sobre o Surrealismo de Sarane Alexandrian.

Além do deste material, foram pesquisados textos em revistas impressas e obras em galerias *on-line*.

Após uma biografia sucinta do período de formação da artista, o texto abordará sua produção artística inserida no seu contexto histórico-social e artístico.

Maria de Lourdes Faria Alves, nasceu em Minas Gerais. Estudou no internato do tradicional Colégio Notre Dame de Sion, pouco se sabe de sua vida até os dez anos do primeiro casamento, em 1915, com o historiador Octavio Tarquínio de Souza, com que teve duas filhas.

O casal separou-se em 1924, e no ano seguinte, Maria Martins conheceu o embaixador Carlos Martins, e passou a residir com ele em Paris. Em 1927, Carlos foi chamado para o posto do Equador. Maria acompanha o marido sempre quando ele muda de posto, estiveram na Dinamarca, no Japão, e em 1935 na Bélgica, onde Maria tornou-se discípula do escultor Oscar Jespers, o mais importante escultor moderno belga. Desenvolveu obras figurativas de santos e retratos.

No ano de 1939, Carlos Martins é designado para chefiar a embaixada dos EUA. O casal e as filhas mudam-se para Washington, onde na embaixada, Maria instala seu ateliê.

Segundo o Tomkins, autor da biografia de Marcel Duchamp, “Maria esteve no lugar certo e no momento exato”.

Quando estoura a Segunda Guerra na Europa, acontece nos Estados Unidos a chegada de importantes artistas exilados, neste contexto acontece o “Boom” da arte contemporânea.

Além do aspecto social, o político também favoreceu a carreira de Maria, com a criação de parcerias e acordos militares, comerciais, e culturais com a América Latina e principalmente com o Brasil; e a evocação da União Pan-Americana e Política da Boa vizinhança – espírito de “solidariedade hemisférica”. O Estados Unidos criou o órgão, *Inter-american Affairs*, que abriu as portas para a produção de artistas latino-americanos, e determinava que fossem representados a cultura e o folclore de cada país trabalhado.

Em 1940, Maria começa a desenvolver seus trabalhos seguindo a orientação iniciada em Bruxelas com temas figurativos, elaborando retratos e santos, porém inovando na temática para representar a cultura de seu país.

Ela assume a condição de artista e participa pela primeira vez de uma exposição coletiva, no pavilhão brasileiro da Feira mundial de Nova York.

A seguir participa de uma coletiva no *Philadelphia Museum of Art*, e ainda nesse ano participa com 4 obras na exposição *Latin American Exhibition of Fine Art*, no *Riverside Museum of Art*, entre elas destacam-se : “Samba”, um “São Francisco” (Figura 2), e “À procura da luz” (Figura 3) .



Figura 1 – “Samba”,
terracota, 60 cm de altura, 1940
Fonte – Dissertação de Mestrado
de Maria S.E. Farina



Figura 2 – “São Francisco”,
madeira, 80 cm de altura, 1940
Fonte – Dissertação de Mestrado
de Maria S.E. Farina



Figura 3 – “Search of a light
(À procura da luz)”, bronze, 1940
Fonte – <http://www.monumentos.art.br/monumento/a-procura-da-luz>

Em 1941, Maria Martins teve sua primeira exposição individual, intitulada “Maria, na *Corcoran Gallery* de Washington. A artista apresentou 18 esculturas, a maioria delas em madeiras brasileiras, como jacarandá, imbuia, peroba e mogno, outras em terracota e gesso, apenas três em bronze: “Nora”, “Salomé” (Figura 4) e “Nostalgia”.



Figura 4 -“Salomé”, gesso, 40 cm de altura, 1940.
Fonte : Dissertação de Mestrado Maria S.E. Farina

Maria aluga um apartamento em Nova York, em um edifício da Park Avenue, e transforma-o em ateliê. Ali passa alguns fins de semana com o marido e longas temporadas só, trabalhando e recebendo os amigos, entre eles Mondrian, Tamayo, Breton, Léger , e Duchamp – com quem terá um *affair*.

Em 1942 Maria produz importantes esculturas, como “Don’t ever forget that i come from the tropics (Não te esqueças nunca que eu venho dos trópicos)”(Figura 5) e “Cobra Grande”(Figura 6). As obras aqui já não são mais figurativas, são surrealistas – expressionistas - abstratas e representam seres biomórficos, que trazem uma fusão entre o humano, o animal e o vegetal.



Figura 5 - "Don't ever forget that i come from the tropics
(Não te esqueças nunca que eu venho dos trópicos)", 1942
Fonte - <http://gismontizado.blogspot.com/2008/07/maria-martins.html>

Em 1943 acontece a mais impactante exposição de Maria Martins : *Amazonia*. Segundo CALLADO (2004, p.55): "(...) Maria havia se tornado uma nova-iorquina e suas oito esculturas reunidas sobre o título 'Amazônia', têm enorme sucesso." Criadas em 1942, as oito esculturas em bronze fundido apresentam porosidades que lembram a textura de plantas : Yemanjá (Figura 6), Yara (Figura 7), Amazonia (Figura 8), Boiúna (Figura 9), Cobra Grande (Figura 10), Yaci (Figura 11) , O Boto (Figura 12), e Aiokã (Figura 13) foram inspiradas em lendas amazônicas, e Maria escreveu um texto poético sobre cada uma .

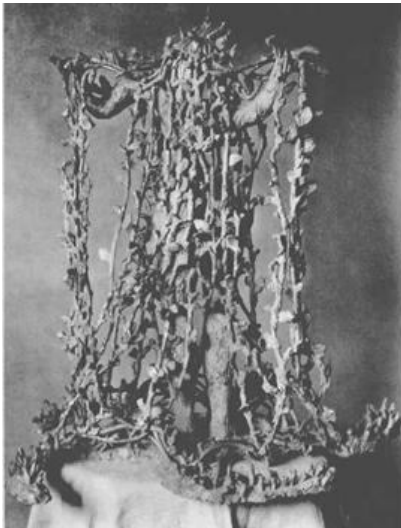


Figura 6 - "Iemanjá"



Figura 7 - "Yara"



Figura 8 - "Amazonia"



Figura 9 - "Boiúna"

Para Eleonor Heartney (apud CALLADO, 2004, p.146), um dos mais prestigiados nomes da crítica de artes dos Estados Unidos:

Fica claro que as referências a divindades amazônicas, animismo e fecundidade tropical supriram-na de um léxico com o qual pôde mascarar emoções muito pessoais, desejo, frustração, fúria e dor, cuja expressão crua poderia ter sido menos aceitável para a esposa de um diplomata de alto nível.

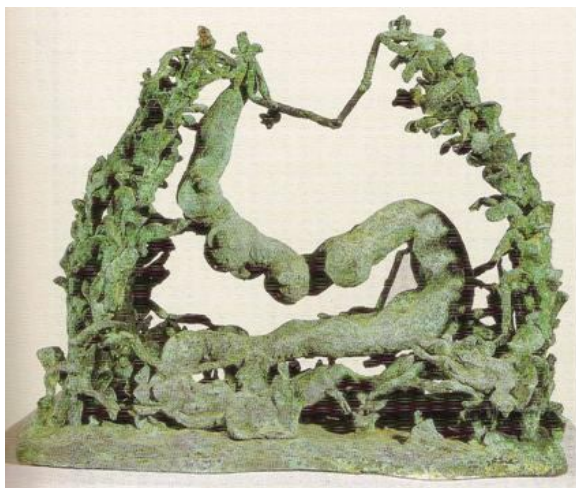


Figura 10 - "Cobra Grande"



Figura 11- "Yaci"



Figura 12 - "Boto"



Figura 13 - "Aiokã"

Fonte : Dissertação de Mestrado Maria S.E Fa

Segundo o texto de Maria Martins para o catálogo de *Amazonia*, "Cobra Grande" "tem a crueldade de um monstro e doçura de uma fruta". De acordo com a curadora Kátia Canton (CANTON, apud CALLADO, 2004, p.102): "(...) ao contrapor crueldade e docilidade, Maria Martins parece comentar sua própria personalidade".

Em 1943, Maria produz a escultura em bronze: "Sem eco" (Figura 14). De acordo com Farina (2008, p.38): "À medida que Maria se coloca como artista vai hibridizando isso como uma questão autobiográfica, e abandona a *temática* brasileira." (Grifo próprio).



Figura 14 - "Sem Eco", bronze, 1943

Fonte : <http://gjsmontizado.blogspot.com/2008/07/maria-martins.html>

Em 1944, cria obra “However (Entretanto)”(Figura 15). De um dourado reluzente e textura lisa, causados pelo polimento do bronze, contrastando com a aspereza e a cor esverdeada do bronze fundido das duas serpentes que envolvem o corpo da mulher , uma delas saindo de sua cabeça, a outra enroscando-se a partir de seus pés, não é a única escultura de Maria com o tema da serpente.



Figura 15 - "However (Entretanto)" , bronze , (130X24X32,5cm),1944
Fonte -<http://gismontizado.blogspot.com/2008/07/maria-martins.html>

Em 1945 Maria produz em bronze fundido a escultura “The Impossible (O Impossível)”(Figura 16). Esta é uma das obras mais famosas de Maria Martins. Representa a impossibilidade de uma real fusão dos corpos, e também no sentido da compreensão intelectual.



Figura 16 - "The Impossible(O Impossível)", bronze ,170 X 170 X 170 cm , 1945
Fonte - <http://desentranhos.blogspot.com/>

Em 1946, Maria cria a escultura "La Femme a Perdu Son Ombre (A Mulher que perdeu sua Sombra)" (Figura 17) . A mulher de corpo esguio e longelíneo, com as formas genéricas, e o rosto sem face, simbolizando que poderia ser qualquer mulher., como em "Entretanto".



Figura 17 - "La Femme a PerduSon Ombre (A Mulher que perdeu sua Sombra)" , bronze, 1946
Fonte - <http://gismontizado.blogspot.com/2008/07/maria-martins.html>

A mesma representação do corpo feminino aparece na escultura do mesmo ano, "Le Chemin, L'Ombre, Trop Long, Trop Etroit (O Caminho, A Sombra, Longos Demais, Estreitos Demais)" (Figura 18). a figura feminina é em bronze fundido, e nesta

obra é em bronze polido. Este tratamento lhe confere um aspecto liso e uma cor dourada, contrastando com a negra “sombra” atrás dela, feita em bronze fundido. O contraste do acabamento realça ainda mais o conteúdo reflexivo da obra.



Figura 18 - "Le Chemin, L'Ombre, Trop Long, Trop Etroit
O Caminho, A Sombra, Longos Demais, Estreitos Demais)", bronze, 1946
Fonte - Dissertação de Mestrado de Maria S.E. Farina

Ainda no ano de 1946, Mari trabalha mais uma vez a questão do gênero feminino, em “Aranha” (Figura 19) o nu feminino dá lugar à outra forma de representação, mais simbólica.



Figura 19 - "Aranha", bronze, (6,5X17,13cm), 1946

Fonte - CALLADO, Ana Arruda. *Maria Martins: uma biografia*, 2004

Em 1949, Maria produz a obra “Huitième Voile (Oitavo Véu)” (Figura 21) em bronze. Já percebe-se influência de Brancusi no tratamento mais polido do material e na maior síntese dos volumes.



Figura 21 - "Huitième Voile (Oitavo Véu)", bronze, (104X114,5X94cm), 1949

Fonte- <http://papelderascunho.net/?m=200708>

Maria usa como modelo sua filha Anna Maria, mas avança declaradamente para o surreal, em um corpo feminino nu, distorcendo a cabeça, as mãos e os pés, numa representação de formas das raízes das plantas, que a fascinaram no contato com a flora amazônica. Para CALLADO (2004), o erotismo nesta obra não foi alvo de grandes comentários, pois é uma marca das obras de Maria. Para o crítico Jayme Maurício,

“Maria foi a personalidade que, sem abdicar jamais de sua feminilidade, representou no Brasil moderno do século XX tudo o que significou o surrealismo, na arte da escultura, na literatura, no sonho, na psicanálise, nas ciências, na política, no erotismo, na eterna busca do ‘eu’ e do ‘outro’, desde a natureza pujante da Amazônia à estratificação da mulher e sua atuação decisiva na virada do milênio. Ela com certeza era tocada pelas aberturas do século das luzes : enciclopédica, liberta e libertária, iluminou os brasileiros com sua arte e seu saber , e sobretudo com sua coragem e paciência com os preconceitos. Amou e ajudou os poderosos da cultura do século de várias maneiras – do sonho, do amor ao acaso”.(MAURÍCIO,J.apd CALLADO,A.A, 2004,p.37)

No ano seguinte, em 1950, Maria retorna ao Brasil, onde produziu obras mais maduras e de formas abstratas. Participou ativamente da criação e consolidação dos Museus de Arte Moderna de São Paulo e Rio de Janeiro e também da Bienal de São Paulo, onde em 1955, recebeu o Grande Prêmio de Escultura Nacional com "A Soma

dos Nossos Dias". A partir de então, Maria deixa a escultura pela literatura, publicando vários livros sobre filosofia, política e espiritualidade como jornalista e escritora.

Em 1965, morre Carlos Martins no Rio de Janeiro. Maria de Lourdes Alves Martins Pereira e Souza vem a falecer no dia 26 de março de 1976, vítima de insuficiência cardíaca, aos 78 anos. Seu corpo foi velado no MAM – RJ, uma inovação memorável.

Maria participou de muitas outras exposições coletivas em Nova Iorque, Washington, San Diego, Paris, Zurique, Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis. Mas foi na exposição organizada por Jean Boghici em 1997 que Maria, de fato, ressucitou com toda a sua força.

Depois de conhecermos a fase mais impressionante da carreira conhecermos um pouco sobre a carreira Maria Martins, podemos compreender sua importância histórica e social. Maria é uma figura importante por ter sido uma mulher à frente de seu tempo, representando o Brasil no exterior através de mitos e da exuberância da Amazônia. Foi uma escultora do gênero feminino e tratando dessa temática nas décadas de 40, 50, e 60, faz com que todos os que apreciem suas obras reflitam sobre a condição da mulher. Suas obras tratam ainda de temas atemporais, como questões autobiográficas que envolvem as relações humanas – a relação consigo e com o outro, e a própria existência humana, onde representa estes signos formalmente através da fusão entre o humano e o vegetal, entre a razão e o instinto, entre o consciente e o inconsciente. Talvez por esta temática, a identificação de suas esculturas com os preceitos do Surrealismo, e pelas exposições coletivas de que participou, ela tenha recebido de Breton, como aconteceu com Frida Khalo, o rótulo de surrealista, o qual a história da arte utilizou para classificar suas obras. Contudo, é preciso dizer que ela não se considerava limitada ao surrealismo. Em uma entrevista de 1968 que Maria concedeu à escritora e amiga Clarice Lispector, quando perguntada sobre como ela via sua escultura, se era figurativista ou abstracionista, Maria (apud CALLADO, 2004, P.130) responde :

‘Eu sou anti-ismos. Dizem que sou surrealista. Mas o melhor do trabalho é quando começo uma escultura. No meio fico um pouco desanimada, no fim nunca é o que eu queria, e aí deposito minha esperança na próxima.’

Quanto aos materiais, Maria especializou-se no bronze, dando-lhe diferentes tratamentos. Inovou no uso de materiais até então não utilizados na escultura: sermolite, estanho e o cimento sorel.

Mostrou-se expressionista, principalmente nas primeiras obras, deixando a marca do fazer, buscando referências em Jacques Lipchitz, e mais tarde, já mais abstracionista no amigo Brancusi.

Maria Martins, podemos compreender sua importância histórica e social. Maria é uma figura importante por ter sido uma mulher à frente de seu tempo, representando o Brasil no exterior através de mitos e da exuberância da Amazônia. Foi uma escultora do gênero feminino e tratando dessa temática na década de 40, faz com que todos os que

apreciem suas obras reflitam sobre a condição da mulher. As suas obras tratam ainda de temas atemporais, como questões autobiográficas que envolvem as relações humanas – a relação consigo e com o outro, e a própria existência humana, onde representa estes signos formalmente através da fusão entre o humano e o vegetal, entre a razão e o instinto, entre o consciente e o inconsciente. Talvez por esta temática Maria tenha recebido, como aconteceu com Frida Khalo, o rótulo de surrealista. Quanto á técnica, Maria especializou-se em no material bronze. Mostrou-se expressionista, principalmente nas primeiras obras, deixando a marca do fazer, buscando referências no amigo e mestre Jacques Lipchitz.

Podemos dizer que as obras de Maria Martins influenciam, através de sua temática, a produção artística atual. Para Miriam Celeste, Doutora em Arte, a arte contemporânea possui uma tendência intimista, de volta ás memórias. Ela conta que esse caráter autobiográfico aparece nas artes plásticas de maneira forte, com visões políticas, sensuais e étnicas, como é o caso das esculturas surrealistas de Maria Martins.

Referências Bibliográficas

Livros:

- Alexandrian, Sarane (1976), *O Surrealismo*, São Paulo, Editora da USP.
- AmaraL, Aracy A (1987). *Arte para quê? : a preocupação social na arte brasileira, 1930 – 1970 : subsídios para uma história social da arte no Brasil*, São Paulo, Nobel.
- Argan, Giulio Carlo (1992), *Arte Moderna*, São Paulo, Companhia das Letras.
- Callado, Ana Arruda (2004), *Maria Martins: uma biografia*, Rio de Janeiro: Griphus.
- Chiarelli, Tadeu (2002), *Arte Internacional Brasileira*, São Paulo, Lemos-Editorial.
- Coelho, Teixeira (1998), *Perfil da Coleção Itaú*. São Paulo, Itaú Cultural.
- JANSON, H.W. (2001), *História Geral da Arte – O mundo moderno*, São Paulo, Martins Fontes.
- pareyson, Luigi (1984), *Os problemas da estética*, São Paulo, Martins Fontes.
- Priore, Mary del Org. (2004), *História das mulheres do Brasil*, São Paulo, Editora
- READ, Hebert (2003), *Escultura Moderna: uma história concisa*. São Paulo, Editora Martins Fontes.
- Severino, Antonio Joaquim (2002), *Metodologia do trabalho científico*, São Paulo, Cortez.
- Stangos, Nikos Org (1991), *Conceitos de arte moderna*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Tucker, William, *A Linguagem da Escultura*, São Paulo, Editora Cosac Naif..

Zamboni, Silvio (1998), *A pesquisa em arte. Um paralelo entre arte e ciência*, Campinas (SP), Autores associados.

Zanini, Walter (1971), *Tendências da escultura moderna*, Editora Cultrix.

wittkower, Rudolf (1989), *Escultura*, São Paulo : Editora Martins Fontes.

Revistas :

Coelho, Teixeira (2001). “A experiência surreal”, en *Revista Bravo*, ano 4, n. 47. 162-168.

Góes, Marta (2003), “Maria Martins – mais do que musa de um mito, uma escultora brilhante”, en *Revista Claúdia* . 239-243.

Dissertações :

Canada, Manoel.J (2008), “Maria Martins – um imaginário esquecido” 2006, 216f. Dissertação de mestrado em Artes Visuais, UNESP - Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo. (<http://www.ia.unesp.br/pos/arquivos-pos/teses/Artes/mmartins.pdf> acessado em 20/09/2008)

Farina, Maria S.E (2008), “Identidade e a arte em Maria Martins”, 115f. Dissertação de mestrado em Interunidades em Estética e História da arte. USP –Universidade de São Paulo, São Paulo. (<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do> acessado em 20/09/2008)

Kumagai,Roberto.M (2008), “Maria Martins : uma trajetória artística”, 2006.150f. Dissertação de mestrado - ECA - Escola de Comunicação e Artes, USP -Universidade de São Paulo, São Paulo. (http://poseca.incubadora.fapesp.br/portal/bdtd/2006/2006-me-kumagai_roberto.pdf acessado em maio de 2008)